

PECUARIA AMAZONICA

PROF. OCTAVIO DOMINGUES

Escola Nacional de Agronomia

O assunto Amozônia está em evidência. Que falem os que conhecem alguma coisa sôbre êle, antes que se improvisem soluções fora da realidade.

A pecuária, na Amazônia, foi o resultado das circunstâncias. Da necessidade de povoar campinas, savanas ou cerrados, abertos como clareira, na extensão interminável daquela mata imensa.

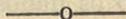
Campos de Marajó, do Amapá, do Salgado paraense, do Baixo-Amazonas, do Rio Branco. . . Uma área bem grande, mas que constitui um nada, em face dos três milhões e quinhentos mil quilômetros quadrados, que formam a Amazônia brasileira. Talvez um vigésimo de sua superfície.

E nela vivem, segundo os dados, para 1948, do Serviço de Estatística da Produção (M. A.) 1.181.780 bovinos, 138.530 equinos, 6.100 asininos, 24.260 muares, 559.530 porcos, 91.250 ovinos e 60.580 caprinos. Viveriam folgadoamente, se não fôra a qualidade dos campos e a variação de sua área útil — maior, no verão sêco, e bem menor no inverno chuvoso, quando invadidos pelas águas dos lagos e rios.

Não há necessidade de se manipular êstes números, para verificar se êsses rebanhos são suficientes para alimentar 1.703.392 habitantes (estimativa de 1944 — IBGE), que povoam o extenso vale. Êles não bastam para um suprimento regular, da população das capitais, das cidades, vilas e povoações, que cada dia crescem mais, exigindo maiores volumes de vitualhas. Há uns vinte anos que a Amazônia vem sofrendo um verdadeiro deficit de carne e leite, no seu consumo. E' só olhar a lista das importações. Lá estão, com números impressionantes, o charque, a carne, o leite em pó ou condensado.

Será que Amazônia pode produzir mais, do que produz, de carne e leite? A resposta só poderá ser afirmativa. Mas, para um aumento de sua produção pecuária, há que realizar um plano de atividades baseado no seguinte:

1. Melhorar o rendimento forrageiro dos campos em exploração.
2. Ampliar a área de campos, invadindo a mata, para substituí-la por essências forraginosas, capazes de constituírem prados artificiais.
3. Multiplicar os rebanhos, seguindo um plano de melhoramento, da sua capacidade reprodutiva e da qualidade de sua produção.
4. Ampliar a exploração de mais uma espécie tropical — o Búfalo, criando-o em regime "de curral", para evitar seu asselvajamento, visto tratar-se de uma espécie semi-doméstica.
5. Promover uma assistência veterinária eficiente, para defesa dos rebanhos.
6. Facilidades de financiamento para melhoramento das pastagens e outras benfeitorias nas Fazendas, bem como para aquisição de reprodutores de raça, de alta linhagem.



O zebú, ao contrário do que esperavam os otimistas, não provocou um melhoramento na qualidade do gado, que viesse influir vantajosamente, na balança dos matadouros. Dados, que colhi em 1948, no Matadouro de Maguari (Belém), nos mostram não ter havido um progresso, no pêso das rêsas ali abatidas, nos dez anos decorridos entre 1937 e 1947: A média do boi em 1937 foi de 162 kg. e da vaca: 130 kg. Dez anos depois essa média era expressa nos seguintes números: 166 kg. e 131 kg. respectivamente.

Isto nos prova duas coisas, pelo menos:

1. Que o zebú não é um fator de melhoramento, se não o ajudamos com o melhoramento nas condições de criação — de alimentação notadamente. Sem campos melhores, os mestiços zebús não poderão determinar uma melhora sensível nas boiadas, nela criadas e engordadas.

2. Que o zebú — como me convenceram os americanos (Rhoad, Black, Craine, Francioni) não deve ser um fim em todos os casos de produção de carne, em regiões tropicais. Por vezes deve ser um meio de produzir bois e vacas leiteiras melhores em tais regiões. Deve ser o lastro, a base, a estrutura, a boa constituição — para êxito das boas qualidades de algumas poucas raças européias — Charolês, por exemplo, para o corte; o Holandês, Guernsey, o Jersey, para a produção leiteira.

Temos que constituir, primeiramente, rebanhos mestiços (raça, ainda não) para uma exploração inteligente da robustez dos zebuinos — somada com as qualidades produtivas e a mansidão das raças melhoradas européias. Assim estão procedendo os criadores norte-americanos da “zona do golfo” (sul dos EE. UU.) com os seus “Charbray”, “Beefmasters”, “Santa Gertrudis” e outros rebanhos de mestiços com base no sangue do zebú.

O zebu, que recebemos da Índia, era um gado, evidentemente não melhorado. Mas melhoramo-lo nas boas pastagens do Brasil central, por seleção e ainda pela cruzada de raças.

As raças melhoradas européias não foram feitas para viver na Amazônia. São raças de clima temperado. Enxertando suas qualidades no sangue indiano, teremos mestiços certamente mais produtivos de carne ou de leite, do que o zebú, e muito mais adaptados ao ambiente tropical do que as raças européias.

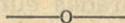
Depois de estudarmos tais mestiços, depois de selecioná-los, poderemos chegar à constituição de uma raça ou mais, para os trópicos. A formação da raça não será o fim, porém, dê-se processo de mistura de sangues. O fim deve ser a formação de boas máquinas produtivas de carne ou leite, na região amazônica. A raça será uma consequência mais remota, sob a orientação dos técnicos.

—o—

O melhoramento dos campos e a formação de prados artificiais será um trabalho básico a realizar, paralelamente àquele do melhoramento genético dos rebanhos (quando não o possa preceder).

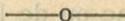
Esse melhoramento terá que ser obtido: 1 — por meio de um sistema de drenagem para subtrair os melhores campos de Marajó, por exemplo, do rigor das inundações; 2 — por meio do melhoramento do solo, com seu enriquecimento em fosfatos (com o que se obterá uma melhor porcentagem da prolificidade dos animais, e ainda uma capacidade maior de engorda, como provam as experiências); 3 — multiplicação de essências forrageiras ricas e adequadas ao meio e ao pastejo do gado.

A respeito da formação de prados artificiais, na Amazônia, creio que o exemplo da Fordlândia nos oferece os melhores ensinamentos.



O Búfalo é uma espécie de gado tropical, que ainda não soubemos ou quisemos aproveitar. Sua semi-domesticidade não deve constituir um empecilho para uma exploração mais larga de suas possibilidades de produzir carne, leite e trabalho, a baixo custo.

Na Amazônia, os fazendeiros de Marajó e do Baixo-Amazonas, que criam este gado, em *regime de curral*, não escondem a satisfação de seu êxito, na exploração dos búfalos pretos.



Mas, para agir com acêrto, o fomento da pecuária amazônica deve ser processado em bases experimentais. A prática zootécnica conhecida é fruto de pesquisas realizadas em climas temperados, e com animais adaptados a êsses mesmos climas.

Temos que estabelecer para nós, pela pesquisa — as bases de uma nova zootecnia — a Zootecnia tropical, que vem sendo construída pelos pesquisadores que, no sul dos EE. UU., em Trindade, na África do Sul, na Austrália, na Índia, em Madagascar — vitoriosamente se esforçam por criar uma técnica para a pecuária em regiões tropicais, na exploração de gado ajustado a essas regiões.